

Entrevista com Louis Nirenberg

*Em julho de 1986, por ocasião da 8ª Escola Latino-Americana de Matemática, realizada no IMPA, o Professor Louis Nirenberg, do Instituto Courant de Ciências Matemáticas da Universidade de Nova York, concedeu a seguinte entrevista à Professora Valéria Iório.**

Valéria — Para começar, diga-nos onde você nasceu e como foi sua infância? Você já gostava de estudar Matemática quando menino?

Nirenberg — Nasci no Canadá, na cidade de Hamilton, em Ontário. Fica perto de Toronto. Morei lá até os seis anos, quando nos mudamos para uma cidade perto de Niagara Falls. Aos oito anos fui para Montreal, onde fiquei até os vinte anos.

Valéria — Então foi em Montreal que você iniciou seus estudos de Matemática?

Nirenberg — Sim, isso mesmo.

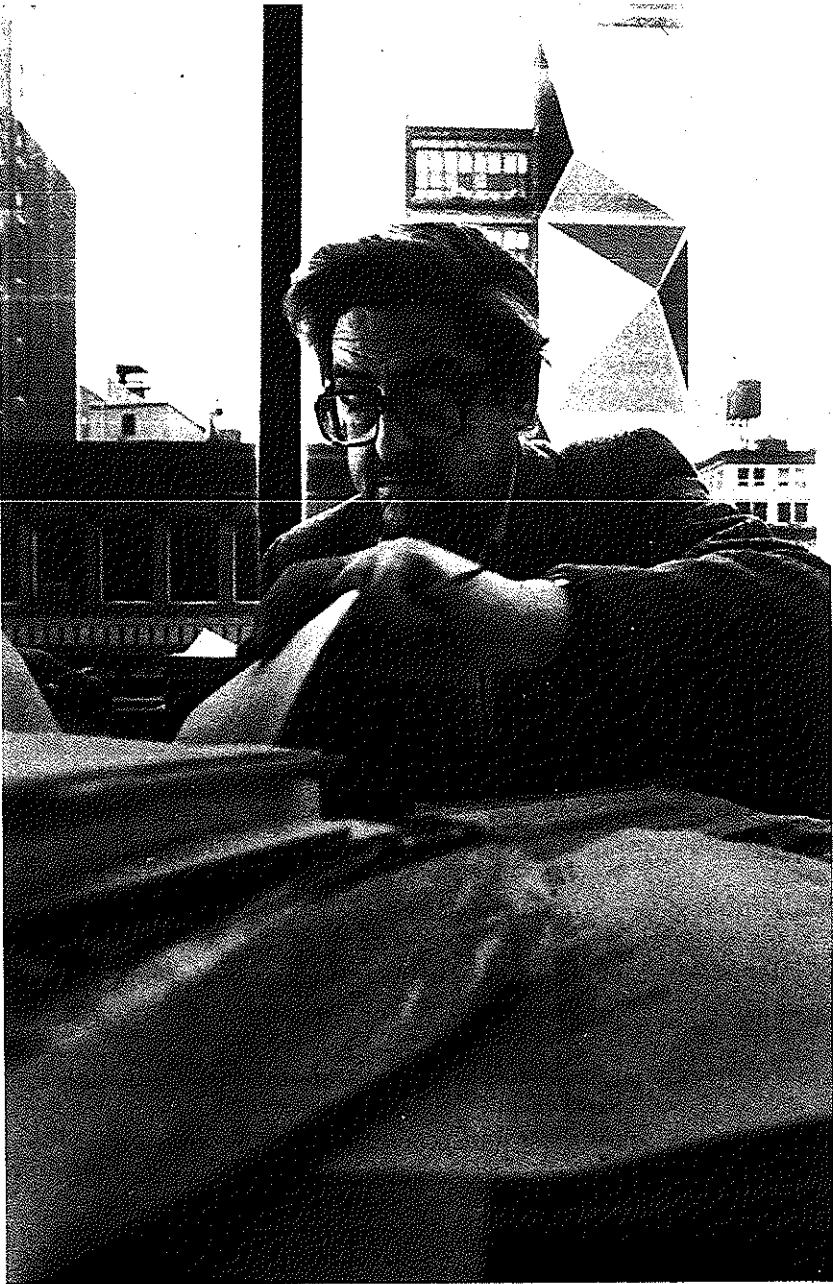
Valéria — E então? Você gostava de estudar Matemática desde o início?

Nirenberg — Ah!, sempre foi muito bom, desde o início!

Valéria — Quer dizer que você era um aluno aplicado?

Nirenberg — Sim, eu era bastante aplicado.

*Agradecemos à Profa. Valéria Iório pela colaboração e também a Sandy Strauss pela valiosa ajuda na interpretação da gravação da entrevista.



Louis Nirenberg

Valéria — Quando foi que você tomou a decisão de tornar-se matemático?

Nirenberg — Não foi de uma hora para outra. Estudei Matemática e Física na faculdade. Decidi então que queria ser físico teórico. Mas depois... é uma estória engraçada... Eu me formei em 1945, ainda durante a guerra. Consegui um emprego temporário no Conselho Nacional de Pesquisas em Montreal. No mesmo laboratório trabalhavam também o filho e a nora de Courant. Um dia a nora contou-me que estaria passando o final de semana em Nova York com seu marido, para visitar o Prof. Courant. Pedi-lhe que me fizesse um favor: que pedisse a Courant indicar uma boa escola onde eu pudesse estudar Física Teórica assim que a guerra terminasse. Ao retornar ela me disse, "Por que você não estuda Matemática em Nova York, no Instituto de Matemática e Mecânica (posteriormente Instituto Courant)? O Prof. Courant teria prazer em recebê-lo lá. Você poderia começar estudando Matemática por uns tempos, e depois então estudaria Física". E foi exatamente o que fiz. Fui para Nova York, consegui uma bolsa de estudos em Matemática e simplesmente fiquei lá, estudando Matemática.

Valéria — Que ótimo!

Nirenberg — Então foi através da nora de Courant que me tornei matemático.

Valéria — E você ingressou no Instituto Courant assim que terminou a guerra...

Nirenberg — Assim que terminou a guerra. Foi no outono de 1945.

Valéria — E acabou ficando todo esse tempo...

Nirenberg — Estou lá desde aquela época.

Valéria — Você poderia nos contar um pouco sobre sua vida naquele tempo? Sabemos que você adora Nova York hoje. Como era a vida lá naquela época? Você tinha então vinte anos, e estava

chegando de mudança na cidade grande...

Nirenberg — Eu me apaixonei por Nova York. Era uma cidade encantadora. Era bastante segura naquele tempo. A gente podia andar tranqüilamente pelo Central Park, de dia e de noite também. Era uma cidade simplesmente incrível, e eu adorava aquilo tudo. Ainda adoro, mas mudou bastante de lá para cá. Como toda cidade grande... Agora as pessoas precisam se preocupar com a violência e tudo o mais. Mas eu, que moro lá há tantos anos, nunca vi uma cena de violência.

Valéria — Vamos falar um pouco sobre o Instituto, o Instituto Courant de Matemática. Como era a vida no Instituto naquela época, e como foi a influência de Courant, Friedrichs e dos outros que estavam lá, com relação ao início de sua carreira?

Nirenberg — Era muito agradável. Quando cheguei ao Instituto, havia pouquíssimos alunos de pós-graduação em Matemática. Foi logo depois da guerra, e a Matemática como curso de pós-graduação estava engatinhando, em certo sentido. Convidaram Courant à Universidade de Nova York para que ele montasse um departamento de Matemática em nível de pós-graduação. Ele chegou lá em 1936. Mas as coisas só foram se engatilhar mesmo depois que a guerra acabou. Foi então que chegou um grupo de estudantes muito bons. Todos chegaram na mesma época, logo que a guerra terminou. Peter Lax, Joe Keller, Harold Grad, Cathleen Morawetz. Nós éramos uma equipe, e trabalhamos juntos ali durante muitos anos. Havia muita harmonia, muito entrosamento. Além disso, Courant era maravilhoso com gente jovem. Era um professor e tanto — se bem que raramente preparava suas aulas... mas mesmo assim elas eram ótimas! Ele tinha um espírito jovem, e estava sempre encorajando os mais jovens, dando força e ânimo. Era ótimo estar com ele.

Valéria — Qual foi o matemático que mais o influenciou?

Nirenberg — Friedrichs. Sem dúvida.

Valéria — E qual foi o que mais o inspirou?

Nirenberg — Não sei, seria realmente difícil dizer. A Matemática tem sido influenciada por muita gente. Apreendi muito com Peter Lax. Muitos dos problemas a que mais me dediquei eram problemas que tinham nascido do trabalho de Hans Lewy. Morrey teve um papel muito importante no que se refere a Equações Diferenciais Parciais Elípticas. Ele é um grande matemático, que exerceu muita influência sobre todos os que trabalharam nesse campo. Mas quanto a muitos dos meus pontos de vista sobre a Matemática em si, eu diria que foi principalmente Friedrichs quem mais me inspirou.

Valéria — Acho que seria interessante que você nos contasse um pouco sobre a história do Instituto Courant, já que sua própria vida e a do Instituto se entrelaçam. Por exemplo, qual é o papel do Instituto no contexto institucional norte-americano, e mesmo no contexto mundial? E quanto à influência do Instituto Courant em outras áreas de estudo? Vamos falar um pouco sobre esse tema?

Nirenberg — Não será fácil responder a essas perguntas, são bastante abrangentes. O Instituto é basicamente um centro de Análise Matemática, Matemática Aplicada e Teoria da Probabilidade. É mais fraco em outras áreas da Matemática. Temos, por exemplo, apenas um topólogo em nosso quadro permanente de professores. Na área de Álgebra, o Instituto é praticamente inatual. Há também muito pouco em Teoria dos Números. Então falta cobrir muitos espaços vazios, enormes até, no Instituto Courant. Ele não *representa* toda a Matemática, de modo algum. Mas em áreas como Matemática Aplicada, Análise Matemática e Teoria da Probabilidade, nessas áreas ele é muito forte e dinâmico. Ele atua em todos os campos da Matemática Aplicada.

Um dos traços do Instituto é que lá as pessoas interagem muito. Todos costumam assistir às conferências dos colegas. Eu, por exemplo, não faço Matemática Aplicada e no entanto assisto freqüentemente a palestras sobre Matemática Aplicada; e, da mesma forma, muitos dos que fazem Matemática Aplicada vêm assistir aos seminários de Análise. Conversamos muitos uns com os outros. Há muita interação, muita troca de idéias. Isso eu acho especial, raro até, se compararmos com a maioria dos departamen-

tos de Matemática. Mas há outros departamentos mais fortes nos Estados Unidos. Princeton, por exemplo, tem um excelente Departamento; provavelmente, o melhor Departamento de Matemática que existe dos Estados Unidos, e é bem mais representativo, em termos de sua abrangência dentro da Matemática.

Valéria — Como você compararia o Instituto Courant com outros departamentos de Matemática também ligados a universidades de renome? Berkeley, por exemplo...

Nirenberg — Berkeley conduz um espectro mais extenso que o nosso. O Departamento lá também é maior. Somos mais fortes apenas na área de Análise. Berkeley tem excelentes matemáticos nas áreas de Análise e de Matemática Aplicada. Nós temos, simplesmente, mais atividades nessas duas áreas: Análise Matemática e Matemática Aplicada.

Valéria — Então você diria que a diferença é quanto à concentração de atividades nessas áreas?

Nirenberg — Sim, e quanto à intensidade de troca e interação entre as pessoas, o que não é típico em outros departamentos de Matemática. Não há tanto intercâmbio entre analistas e outros matemáticos em outros departamentos como se vê no Courant. Acho que esta é realmente uma característica marcante do Courant.

Valéria — Você é professor na Universidade de Nova York há muitos anos. Você poderia comparar a educação formal dos Estados Unidos com a de outros países? Você já lecionou em outro país?

Nirenberg — Nunca lecionei em outro país. Já passei um bom tempo na Itália, e algum tempo na França. Os sistemas de ensino são diferentes, mas não me sinto qualificado para comentar a respeito.

Valéria — O que você pensa sobre a educação formal nos Estados Unidos?

Nirenberg — Acho que é de bom nível, com uma ressalva: as pessoas não aprendem mais a escrever, a expressar seus pensamentos na forma escrita. A gente vê, mesmo entre os alunos de pós-graduação, que se o professor lhes pede que escrevam algo usando palavras, acaba lendo coisas praticamente incompreensíveis. Por algum motivo há pouquíssimo exercício de dissertação, ou de qualquer forma de expressão por meio da palavra escrita.

Valéria — Que tal essa “Matemática Moderna” que estava sendo ensinada alguns anos atrás?

Nirenberg — Simplesmente, e felizmente, foi desaparecendo.

Valéria — Vamos falar um pouco sobre seu próprio trabalho. Você tem se dedicado a solucionar diversos tipos de problemas, e com muitas pessoas diferentes: Agmon, Douglis, Trèves, Kohn, Brézis, são alguns dos vários nomes que poderíamos citar. Quais são suas principais contribuições à Matemática, em sua opinião? Quais os trabalhos mais significativos de sua vida até hoje, na sua maneira de sentir?

Nirenberg — Bem, eu trabalhei bastante com Equações Elípticas, e com questões relacionadas à Geometria. Acho que o trabalho que publiquei juntamente com Newlander, sobre a Integridade de Estruturas quase Complexas, foi um bom trabalho.

Valéria — As suas contribuições no campo da regularidade de soluções, aquele trabalho publicado no final dos anos cinquenta, com Agmon e Douglis, é um trabalho bastante conhecido.

Nirenberg — É um trabalho bastante conhecido, porque trata de um assunto tido como um caso genérico. Acharmos simplesmente que seria útil dar uma caracterização precisa dos tipos de condições de contorno sob as quais se pudessem obter bons resultados de regularidade. Demos um caso bastante geral e as pessoas têm-se utilizado dele.

Valéria — Sim, é até engraçado, porque parece que muitos usam esse trabalho como referência, mesmo sem o terem lido! É tão longo!

Nirenberg — Há dois trabalhos, e ambos são longos. Eu mesmo não lembro muito bem o que há neles...

Valéria — Mas algumas pessoas já os leram...

Nirenberg — Algumas pessoas, sim. Mas você sabe como é hoje em dia na Matemática: há pouquíssima gente que lê Matemática. Aliás, como a maioria dos matemáticos, não sou bom leitor. Não gosto muito de ler Matemática. Dá muito trabalho.

Valéria — É surpreendente o volume de pesquisa que você já realizou em áreas tão diferentes. Você começou com a parte linear clássica, as Equações de Maxwell, etc... Depois veio o trabalho com Agmon e Douglis. Mas já faz anos que você tem se concentrado em Equações Não-Lineares.

Nirenberg — Sim, por volta de quinze anos.

Valéria — Para uma leiga como eu, parece que em Equações Diferenciais Parciais Não-Lineares, hoje em dia, cada pessoa tem sua própria equação predileta; e ela trabalha em cima disso, sem que haja uma teoria geral. Você acha possível surgir alguma teoria geral para Equações Não-Lineares como é o caso com as Equações Lineares?

Nirenberg — É difícil dizer. Há a teoria geral da regularidade que está sendo desenvolvida atualmente, para constituir uma teoria geral, não apenas elíptica ou hiperbólica, mas realmente geral. Este é um trabalho muito importante, que está sendo desenvolvido por Bony, Rauch e Reed, e agora também por Melrose e Beals. E trata-se de uma teoria bastante geral de regularidade.

Valéria — Então você acha que há esperança...

Nirenberg — Bem, eu não sei. A área de E. D. P., mesmo quanto à teoria linear, não é tão organizada assim. Há tipos muito diferentes de equações. Há tipos diferentes de técnicas. Trata-se essencialmente de desenvolver técnicas diferentes. Não é uma disciplina tão cristalina como, digamos, a Álgebra: simplesmente não segue esse tipo de caminho.

Valéria — Você acha que a tendência atual é caminharmos mais para essa teoria geral que mencionamos, ou para áreas como, por exemplo, métodos de espalhamento inverso ou sistemas hamiltonianos? Qual o seu ponto de vista?

Nirenberg — Há de tudo, absolutamente tudo, e tudo será desenvolvido. É muito difícil prever como as coisas vão interagir umas com as outras. Agora mesmo estamos num período da Matemática em que há uma interação muito intensa entre as diferentes áreas. Mas não se pode prever o que vai acontecer, nem dentro de um curto espaço de tempo como, digamos, dez anos. Eu não ousaria fazer tal previsão.

Valéria — Eu queria saber sobre o seu relacionamento com os alunos, se é uma coisa boa, produtiva para você.

Nirenberg — Ah!, pessoalmente? Ah!, sim! Gosto muito de ter alunos. Estou um pouco cansado de dar aulas, mas gosto muito de ter alunos de pós-graduação, e de organizar seminários com meus alunos.

Valéria — Você diria que são importantes, para o desenvolvimento da Matemática, os projetos de pós-graduação, e como se desenvolvem as coisas a partir daí?

Nirenberg — Ah!, sim! Claro, sem dúvida.

Valéria — Parece que há vários alunos estrangeiros no Instituto Courant...

Nirenberg — Sim, agora mais do que nunca.

Valéria — Muitos latinos, e principalmente brasileiros, têm ido para lá. Então você deve ter tido contato com vários estudantes latino-americanos. Eu gostaria que você nos dissesse como você acha que eles estão se saindo, se você acha produtiva a experiência deles em Nova York, e se encontram muitas dificuldades.

Nirenberg — Não acho que encontrem dificuldades tão terríveis. Em primeiro lugar, é bom para toda e qualquer pessoa, ir

para Nova York! É uma cidade muito estimulante, muito animada. É uma cidade maravilhosa, e acho que a maioria das pessoas que vão para lá ficam muito satisfeitas. Sem falar em ciências e Matemática, já se vive muito do que a cidade tem para oferecer.

Quanto à Matemática, acho que os alunos de pós-graduação do Instituto Courant estão muito contentes. É um ambiente muito caloroso. Acho que eles gostam. Eles se entrosam muito bem uns com os outros, e com os professores. Aliás, quando Courant fundou a escola de pós-graduação, ele disse: "a primeira coisa que o departamento de pós-graduação precisa ter é uma biblioteca matemática, e a segunda é uma sala de café". E, de fato, nós temos uma ótima sala de café, que freqüentamos regularmente, em geral duas vezes ao dia. Muitos até levam seus lanches e almoçam junto com outros professores e alunos. Também, à tardinha, é ótimo tomar café com os colegas, o ambiente é sempre muito agradável. Acho mesmo que os alunos são felizes no Instituto.

Também penso que é muito importante que os alunos, após concluírem o doutorado, permaneçam por mais um ou dois anos como pós-doutorandos, antes de voltarem para seus lugares de origem. Por exemplo, no caso dos estudantes latino-americanos, aquele que volta para a América Latina logo depois de concluir o doutorado é um estudante que realizou apenas um segmento de seu trabalho de pesquisa: não se expôs ainda o suficiente. Acho que realmente vale a pena ficar mais uns dois anos. Acho isso muito importante.

Valéria — Vamos falar um pouco sobre Courant. Você o conheceu, e ele influenciou a sua vida de alguma forma. Há até um livro escrito sobre ele por Constance Reid. Você gostaria de dizer algumas palavras sobre Courant?

Nirenberg — Bem, o livro é um bom retrato de Courant. Ele era um homem de personalidade muito complexa. Era extremamente inteligente, tinha um notável senso de humor, era um ótimo contador de histórias e um excelente escritor, fantástico mesmo. E, como eu disse antes, ele era incrível com os mais jovens, adorava estar com eles. Acho que ele tinha um espírito jovem. Ao mesmo tempo, ele era uma personalidade bastante complexa e nem todos gostavam dele. Havia gente que achava que ele, de algum modo,

manipulava as pessoas.

Valéria — Parece que as pessoas ou o amavam ou o odiavam.

Nirenberg — Até certo ponto... algumas pessoas eram indiferentes a ele. Mas ele ajudou e encorajou muita gente. Tenho gratas memórias dele. Não fui seu aluno, mas guardo memórias muito boas dele.

Valéria — Quem foi seu orientador?

Nirenberg — Stoker. E Friedrichs também. Stoker era meu orientador oficial. É um homem muito bom. É um geômetra e um matemático muito competente.

Valéria — Sim, você trabalhou com Geometria também, no início, certo?

Nirenberg — Sim, é verdade.

Valéria — O antropólogo francês Claude Lèvi-Strauss escreveu certa vez que há apenas três vocações verdadeiras: Antropologia, Música e Matemática. Você poderia comentar a respeito?

Nirenberg — Acho que não concordo. Acho que há outras vocações além dessas. Outras ciências, por exemplo.

Valéria — Mas você acha que a Matemática é uma vocação verdadeira?

Nirenberg — Sim, acho que isso é verdade, e é geralmente uma área em que o talento se manifesta muito cedo, como acontece com a Música também. Talvez tenha sido isso o que ele quis dizer, ao usar a palavra *vocação*: parece que o talento nessas áreas marca as pessoas claramente, e muito cedo na vida.

Valéria — Diga-me, quais os seus métodos de trabalho? Você pensa sobre alguma coisa, e aí se senta e começa a escrever? Como é, basicamente, que você trabalha?

Nirenberg — Não sei, acho que de maneiras diferentes. Há al-

guns trabalhos de pesquisa cujas origens eu consigo identificar. Às vezes vêm de matérias que li ou de que ouvi falar, mas cujas demonstrações não me agradaram. Não me pareceram naturais, chamaram minha atenção e me fizeram refletir até que consegui elaborar outra demonstração. Frequentemente essa nova demonstração me leva além do assunto original. Então, nesses casos, a pesquisa se origina de alguma insatisfação, com relação a alguma pesquisa já existente. Aliás, lembro-me de estar certa vez conversando com um jovem estudante francês que estava, havia tempos, tentando fazer seu doutorado na França. Ele não estava conseguindo fazer pesquisa e me perguntou: “como é que você faz pesquisa?” e eu disse que um jeito era ler algum trabalho, não gostar da demonstração e decidir que deve haver outra maneira melhor de se demonstrar aquela tese. E ele me disse, “Nunca achei alguma demonstração de que não gostasse”. E então pensei que ele era um caso perdido, totalmente perdido.

Então essa é uma forma: você se envolve com certos problemas. Outra é... muita gente vem a Nova York e frequentemente nos engajamos em conversas sobre problemas, começamos a pensar em conjunto sobre alguma coisa. É por esse motivo que eu pessoalmente tenho escrito diversos trabalhos em parceria com colegas... Aliás, meus trabalhos são, em sua maioria, escritos em parceria.

Valéria — Quer dizer que geralmente começam com intercâmbios, quando há professores visitantes...

Nirenberg — Ou quando eu visito outros professores, e começamos a discutir problemas. Posso talvez mencionar algum problema, ou outro professor ou professora talvez teça algum comentário sobre algum problema, e então começamos a pensar sobre aquele problema, juntos. Muita pesquisa começa assim.

Valéria — Quantas horas você trabalha por dia, em média?

Nirenberg — É difícil dizer. Para mim é impossível trabalhar na universidade, fazendo pesquisa. Porque há muito o que fazer lá. Há muita gente, muitos seminários, cursos, cartas por escrever, etc. Então trabalho à noite e em fins de semana.

Valéria — Em casa, geralmente.

Nirenberg — A pesquisa, sim, eu faço em casa. Não há como fazer pesquisa na universidade, a não ser durante o verão.

Valéria — E haveria algum teorema que você gostaria de ter demonstrado por conta própria?

Nirenberg — Ah!, meu Deus... Esta é uma pergunta difícil. Há vários teoremas cuja demonstração eu teria adorado fazer. Aliás, acho que foi Marcel Riesz quem assim definiu seu critério para considerar excelente determinada obra matemática: aquilo que ele teria adorado poder roubar...

Valéria — Que tal falar sobre alguns matemáticos que você conheceu no Instituto Courant durante esse tempo todo? Você já publicou trabalhos com vários deles.

Nirenberg — Houve um matemático que me impressionou tremendamente, a ponto de chegar a considerá-lo um gênio. Estou falando de John Nash. Ele acabou tendo um colapso mental, e há muitos anos não faz Matemática. Mas ele era um matemático extraordinário.

Valéria — Você o conheceu no Instituto Courant?

Nirenberg — Sim, ele passou um ano em Nova York certa vez, quando estava empenhado em solucionar um problema conhecido hoje por “Teorema De Giorgi-Nash” em Equações Elípticas. Ele estava procurando resolver esse problema naquela época. Eu o conheci quando ele tinha acabado de escrever um trabalho famoso sobre Imersões Isométricas de Variedades Riemannianas. Foi uma realização notável. Uma idéia originalíssima, notável mesmo. Ele era um matemático de grande originalidade e capacidade de imaginação. Eu pensava comigo mesmo que ele tinha um modo de pensar diferente de todos os matemáticos que já conheci. Era impressionante. Mas já conheci vários matemáticos excelentes.

Valéria — E até escreveu trabalhos com muitos deles também.

Nirenberg — Escrevi. Adoro trabalhar com os outros. Me dá grande prazer e satisfação fazer isso. É muito envolvente. Você já escreveu trabalhos assim em conjunto?

Valéria — Não, nunca. Sou mais solitária!

Nirenberg — Pode acontecer de algum dia você se ver trabalhando junto com alguém, é muito bom. Vocês trabalham juntos no quadro negro e pensam separadamente em casa, e depois se encontram ou se correspondem por carta, bilhetes, etc. É muito bom, divertido até.

Valéria — Fazer Matemática é um prazer. Ensinar, trabalhar em comitês, isso é trabalhar, certo? Você pensa assim também?

Nirenberg — Lógico. É claro que o maior prazer é fazer pesquisa. Depois colocar tudo no papel é a parte mais entediante. Mas parte do prazer é fazer isso junto com outra pessoa. É muito bom. Só de trocar idéias no quadro negro, ou por carta se a pessoa estiver longe, é ótimo. Peter Lax é um colega meu, com quem escrevi um trabalho, e quando isso aconteceu eu estava no Japão e ele em Nova York. A pesquisa foi toda feita por carta.

Valéria — Você chegou a se envolver com trabalhos administrativos na universidade, não?

Nirenberg — Bem, fui diretor do Instituto Courant por dois anos.

Valéria — Você acha esta uma parte importante no trabalho de um matemático?

Nirenberg — Digamos que é uma complicação infeliz.

Valéria — Em outras palavras, você achou bom não ter durado muito tempo?

Nirenberg — Ah!, fiquei muito contente quando acabou. Há quem goste, há os que são muito bons nisso. Eu não gostei: eu detestei. Eu vivia muito tenso naquela época. Fiquei muito fe-

liz quando tudo terminou. A minha personalidade se mostrou inadequada para um trabalho administrativo. Evidentemente estou envolvido em uma série de comitês no Instituto, mas não são posições que exigem a responsabilidade que exige um cargo de diretoria.

Valéria — Vamos conversar sobre a vida em Nova York.

Nirenberg — Ótimo!

Valéria — Esse é um assunto que lhe agrada. Você gosta de ir ao teatro?

Nirenberg — Não vou tanto ao teatro. Adoro o cinema. Frequento muito o cinema. Sou um aficionado do cinema, na verdade, e Nova York é uma cidade ótima para isso, principalmente em se tratando de filmes antigos. E é também maravilhosa para quem gosta de música. Adoro música. Além dos concertos ao vivo há ainda música excelente no rádio, vinte e quatro horas por dia!

Valéria — Você trabalha ouvindo música?

Nirenberg — Sim, sempre tive esse hábito.

Valéria — De que tipo de música você mais gosta?

Nirenberg — Ouço principalmente música clássica, mas gosto de vários tipos de música. Adoro tangos, por exemplo. Tenho uma grande coleção de discos e fitas de tangos argentinos.

Valéria — É interessante ouvir isso.

Nirenberg — Mas Nova York é uma cidade fascinante, muito estimulante.

Valéria — E você adora filmes. De quais épocas você prefere? Os anos quarenta, cinquenta?

Nirenberg — Bem, foram feitos filmes excelentes nas décadas de trinta e quarenta. Estou falando de filmes americanos, mas é claro que os filmes franceses são excelentes também.

Valéria — Imagino que você começou a freqüentar o cinema muito cedo.

Nirenberg — Não, porque cresci em Montreal, dos oito aos vinte anos, e naquela época a Igreja tinha muito poder na província de Quebec, então só se podia ir ao cinema a partir dos dezesseis anos, na província de Quebec. Havia alguns cinemas que deixavam crianças entrarem escondido, em fins de semana. Então assisti a pouquíssimos filmes até completar dezesseis anos... E daí em diante foi uma loucura, fui para o outro extremo.

Valéria — Para compensar pelo tempo perdido...

Nirenberg — Sim, e quando cheguei em Nova York descobri que vários cinemas exibiam filmes clássicos estrangeiros. E, mais uma vez, foi uma loucura. Eu ia toda noite ao cinema, para ver aqueles filmes clássicos, os filmes estrangeiros.

Valéria — Quais os seus favoritos?

Nirenberg — Gosto de tantos tipos de filmes, de todos os países. Gosto desde comédias até filmes de suspense e policiais. Todo tipo, simplesmente adoro o cinema.